

GÊNERO, TRABALHO, INTERSECCIONALIDADES E ATRAVESSAMENTOS

Reorientação profissional com mulheres vítimas de violência doméstica: um relato de experiência

*Professional reorientation with women victims of domestic violence:
an experience report*

Ana Cláudia dos Santos

Doutora em Sociologia - PUC/SP. Professora Adjunta na
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS.
<https://orcid.org/0000-0002-4447-0261>

Stefany Moreira da Silva

Curso de Psicologia, em desenvolvimento, na Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul - UFMS. <https://orcid.org/0009-0001-6629-2902>

Marcela Gon Perez Scapin

Curso de Psicologia, em desenvolvimento, na Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul - UFMS. <https://orcid.org/0009-0001-0121-2545>

Gabriella da Silva Elias

Curso de Psicologia, em desenvolvimento, na Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul - UFMS. <https://orcid.org/0009-0000-1263-3735>

RESUMO: A violência doméstica é uma realidade para muitas mulheres que, ao vivenciarem essa situação, têm diferentes aspectos de suas vidas alterados, tanto em suas relações interpessoais e emocionais, quanto nos aspectos relacionados à falta de renda para darem continuidade ao ciclo vital. O presente artigo apresenta um processo de reorientação profissional desenvolvido com três mulheres em situação de desemprego, na faixa etária de 46 a 56 anos, a partir de seis encontros grupais, sob a perspectiva da Análise de Comportamento da área de conhecimento da Psicologia. A atividade foi desenvolvida no Centro de Atendimento às Mulheres (CAM) do município de Paranaíba-MS. Foram utilizadas metodologias participativas e trabalhadas suas histórias pessoais: autoconhecimento, profissão e identificação de

habilidades pessoais. Como resultado notou-se que as participantes passaram a se conhecer melhor e questionar-se sobre o que gostam de fazer. Ao fim do processo, manifestaram sentir-se mais confiantes para embarcar na jornada de uma busca por emprego, agora mais conscientes de suas habilidades e sobre os planos de realizações futuras para suas vidas.

Palavras-chave: trabalho, relacionamento abusivo, independência, habilidades, violência, escolhas.

ABSTRACT: Domestic violence is a reality for many women who, when experiencing this situation, have different aspects of their lives altered, both in their interpersonal and emotional relationships, and in aspects related to the lack of income to continue the life cycle. This article presents a process of professional reorientation developed with three unemployed women, aged between 46 and 56 years, based on six group meetings, from the perspective of Behavior Analysis in knowledge of Psychology. The activity was developed at the Women's Service Center (CAM) in the municipality of Paranaíba-MS. Participatory methodologies were used and their personal stories were worked on: self-knowledge, profession, and identification of personal skills. As a result, it was noted that the participants got to know each other better and questioned themselves about what they like to do. At the end of the process, they expressed feeling more confident to embark on the journey of a job search, now more aware of their skills and plans for future achievements in their lives.

Keywords: work, abusive relationship, independence, skills, choices.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho relata a experiência grupal de reorientação profissional com mulheres vítimas de violência doméstica, desenvolvida na disciplina de Orientação Profissional do curso de Psicologia da UFMS, unidade de Paranaíba-MS.

A violência contra a mulher é acometida no Brasil e no mundo, fortalecida pelo sistema patriarcal de dominação de gênero; não é um problema individual, mas de ordem social e coletiva (SAFFIOTI, 1994). A implementação da Lei 11.340, denominada Lei Maria da Penha, promulgada em 07 agosto de 2006, engloba o feminicídio como crime e importa ressaltar: além dos impactos físicos da violência vivenciada, a mulher tem ainda que lidar com os aspectos sociais e os psicológicos (FONTOURA & ANJOS, 2016). Referida legislação prevê punição contra os (as)

agressores (as) que cometem violências tais como a patrimonial, a física, a psicológica, a moral e a sexual (BRASIL, Lei nº. 11.340, de agosto de 2006, Lei Maria da Penha; RABELO et al., 2019).

A Lei Maria da Penha torna-se um marco no avanço na luta contra a violência de gênero, reivindicada pelo movimento feminista brasileiro, o qual aponta a necessidade de repressão e prevenção a qualquer violência doméstica e familiar com a participação do Estado, que disponibiliza a assistência e a proteção às vítimas o que denota a preocupação de ordem das políticas públicas e cria mecanismos para a defesa da liberdade das mulheres (SANTOS, 2014).

O ambiente doméstico prevalece quando a intenção é listar os locais onde as vítimas sofrem os mais diversos tipos de violência; entretanto, seus direitos também são anulados no âmbito trabalhista (RABELO et al., 2019; SALDANHA et al., 2021).

A partir de uma perspectiva machista, o fato de a vítima depender financeira e emocionalmente de seu alçoz contribui para o seu silenciamento em relação ao tratamento agressivo recebido e, é comum privar-se a pessoa violentada de suas atividades laborais (FONTOURA & ANJOS, 2016). Além de lutar contra a dependência financeira, a sociedade coloca a mulher em uma posição estigmatizada, na qual fica implícito e explícito que sua ocupação ideal seria a de cuidar da casa, dos filhos e do marido (FIORIN, DE OLIVEIRA, DIAS, 2014).

Sob essa perspectiva, entende-se a importância de a mulher que tenha sofrido truculências domésticas buscar por sobreviver com suas próprias rendas. A ação relatada neste artigo objetivou atuar na busca pela independência financeira dessas mulheres, além de procurar a Delegacia de Atendimento à Mulher (DAM) do município com o fito de denunciar os atos cometidos pelos agressores e desse modo evitar que outros casos ocorram e ainda contribuir para promover maior proteção às pessoas agredidas.

O processo de reorientação profissional trabalhará sob a perspectiva de novas escolhas do sujeito ou na reafirmação daquelas já feitas anteriormente (KRAWULSKI et al., 2000). A proposta é esclarecer as escolhas profissionais já feitas e as que ainda podem ser iniciadas, de modo a propiciar uma nova perspectiva de vida.

O uso da técnica de dinâmica em grupo é um facilitador para a comunicação entre as participantes e as coordenadoras, tendo em vista a possibilidade de desconstruir representações estereotipadas e reconstruir ou construir novas representações e possibilidades de inserção social. O grupo é uma produção do contexto histórico e social vivido, já que mulheres vítimas de violência doméstica compartilham processos psicológicos e relações sociais semelhantes (LUCCHIARI, 1993). Dentro

da reorientação profissional, essas características tornam-se importantes para a identificação das participantes entre si, promove possibilidades de compartilhamento de sentimentos, estratégias de enfrentamento e de pertencimento, importantes para tomadas de decisão e autoconhecimento.

2. METODOLOGIA

O trabalho apresentado teve como participantes três mulheres de idades entre 46 e 56 anos, durante seis encontros de duas horas cada, duas vezes por semana, nos meses de outubro e novembro de 2022, em um total de três semanas. Inicialmente foi realizado o contato com a Assistente Social e com a Psicóloga do Centro de Atendimento da Mulher (CAM), para apresentação do projeto e convite de parceria com a Universidade. Posteriormente, mulheres que se encontravam em situação de desemprego foram contatadas e aceitaram fazer parte do grupo.

Nos encontros de reorientação profissional objetivou-se promover a reinserção no mercado de trabalho, a autonomia financeira, o desenvolvimento do autoconhecimento, informação sobre as profissões e o mercado de trabalho, assim como desenvolvimento de habilidades para entrevistas de empregos e para produção de currículos. As técnicas utilizadas seguiram um referencial teórico-filosófico do Behaviorismo Radical, com a aplicação da ciência da Análise do Comportamento para a produção de dinâmicas e técnicas. A abordagem atua sob o viés ontológico, filogenético e cultural, de modo a abordar três níveis de seleção.

Segundo Machado et al., (1989), Skinner (1953/2000) promulgou o modelo de seleção pelas consequências do comportamento. No que se refere ao nível filogenético, considera-se toda parte herdada da evolução das espécies, a qual depende da mutação e da transmissão genética passada através do processo evolutivo. Entende-se assim, que as características biológicas dos indivíduos foram moldadas por uma história de seleção da espécie.

O segundo nível de seleção, o ontogenético, é passado para o indivíduo a partir de seu nascimento, e resulta de uma história de seleção individual. Por fim, o último nível trata-se da cultura, passada por meio da comunidade verbal em que o indivíduo está inserido, ou seja, em sociedade, mediado pelos dois níveis anteriores (MACHADO et al., 1989).

A partir do modelo de seleção pelas consequências pode-se entender o comportamento humano sob o viés do processo de reorientação profissional. Entende-se que as escolhas feitas não são inatas ao indivíduo, mas desenvolvidas de acordo com os arranjos em que se estabeleceu a história de vida do sujeito. Desse

modo, rejeita-se a ideia de vocação e acolhe-se a concepção de algo a ser praticado a partir dos repertórios obtidos ao longo da vida ou a serem desenvolvidos; ou seja, é uma aptidão socialmente construída (PINHEIRO, 2004).

Segundo Skinner (1953/2000), o comportamento de escolha é vivenciado quando o indivíduo apresenta conhecimento das respostas que estão ao seu alcance, porém não tem controle das consequências produzidas dessas mesmas respostas, ainda que se possa prevê-las. O sujeito necessitará de informações para a compreensão das consequências de cada resposta. Assim, conhecer a história de vida do sujeito ajuda a entender os motivos de suas escolhas e o porquê de se comportar de tal forma, de modo que, ao se identificar sua comunidade verbal e suas relações, pode-se prever algumas consequências de suas ações.

Moura (2004) discute a reorientação profissional sob o viés da Análise do Comportamento e utiliza-se de dinâmicas e técnicas que propiciam o desenvolvimento de habilidade e autoconhecimento, o qual colabora para o processo de escolha e para produzir mudanças comportamentais facilitadoras da tomada de decisão profissional.

Durante as atividades de reorientação profissional, foi trabalhado o comportamento de tomada de decisão. Esse aspecto abarca os três níveis de contingências: os pessoais (aspectos de experiência, aspectos econômicos e expectativas), o profissional (habilidades para tais funções) e as de tomada de decisão que buscam selecionar os critérios para a escolha profissional.

Os encontros ocorreram na modalidade grupal, uma vez que a atividade em grupo no processo de reorientação profissional é facilitadora da identidade individual e grupal, e nela existe a possibilidade de compartilhar sobre inseguranças, dúvidas, dificuldades encontradas durante a inserção no mercado de trabalho, o que acaba por propiciar melhores oportunidades para elaboração dos sentimentos e identificações (LUCHIARI, 1993, p. 11-16).

3. RESULTADOS

O encontro inicial teve como objetivo conhecer o grupo e definir as regras de convivência. Colocou-se como prioridade o contato entre as participantes e a apresentação sobre suas realidades, assim como estabelecer o vínculo entre todos os membros. A dinâmica utilizada para a construção do vínculo foi a escrita de suas características em um papel. Na segunda etapa da atividade, os papéis de todas foram pegos e embalados, e em seguida, as coordenadoras do grupo liam as características,

de modo a instigar as participantes a dizerem quem achavam que teria tal atributo (nomes fictícios foram adotados para participantes para indicar suas falas em destaque e garantir o sigilo ético).

A primeira participante a se apresentar foi Carla, autodescrita como uma mulher de 48 anos, casada, mãe e avó; cursou até a segunda série do ensino médio. Relatou que sua única renda provém de seu marido. Além disso, afirmou ser frequentadora do serviço de Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Revelou também seus diagnósticos de fibromialgia e Transtorno Depressivo.

A outra participante, Maria, de 46 anos, se apresentou relatando ser mãe de dois filhos e avó. Apontou que atualmente trabalha com artesanato, com decoração de MDF (Placa de Fibra de Média), com uma renda mensal de aproximadamente R\$ 1.500, 00 (mil e quinhentos reais), com escolaridade de ensino médio completo.

A última participante, Carol, de 56 anos, explicou estar em um processo de divórcio com o ex-marido, seu agressor. A participante afirmou ter medida protetiva e busca na justiça sua parte dos bens, que com o processo de separação ficaram todos para o ex-marido. Sua renda atualmente se baseia nas encomendas de tapetes de retalhos e ajuda das filhas. A participante é diagnosticada com fibromialgia e depressão, doenças apresentadas como principais complicadores para as realizações dos serviços de casa e dos tapetes. Relatou ter sequelas de um enforcamento vivenciado antes da separação, produzido pelo ex-marido. Atualmente Carol reside na edícula nos fundos da casa da filha. Sua escolaridade é ensino fundamental incompleto, concluindo até a quarta série.

As participantes compartilhavam entre si processos de violência vivido por discriminação de gênero, que inicialmente ocasiona identificações influenciadoras do desenvolvimento do grupo e das intervenções.

O segundo encontro teve como objetivo a identificação de habilidades presentes nas participantes, assim como foram relatadas suas atividades de interesse. Foi utilizada a dinâmica de “Gosto e faço”, “Gosto mas não faço”, “Não gosto e faço” e “Não gosto e não faço” passada para o grupo, com a reflexão final de pensarem coisas que gostavam e não faziam, e seus motivos. Na discussão da atividade foi explicado o significado de cada quadrante e discutidas em grupo as respostas.

Foram trabalhadas as dificuldades da mudança laboral ou da reinserção no mercado de trabalho. Ademais, a partir da discussão em grupo foram levantadas possíveis soluções por meio do diálogo para as pautas elencadas pelas participantes. Posteriormente, o grupo discutiu sobre as atividades pelas quais tinham interesse e as características que

acreditavam ser necessárias para desenvolver cada uma. Por fim, elencaram-se as habilidades apontadas como necessárias, com os repertórios próprios de cada participante. Além disso, foi atribuída uma tarefa de casa: buscarem as profissões preferidas e tentarem saber um pouco mais sobre a área, sobre as habilidades necessárias, sobre o que elas acreditavam ser importante desenvolver, entre outros.

O terceiro encontro consistiu no propósito da relação das características comuns das profissões de interesses levadas pelas participantes no encontro anterior, com as características pessoais de cada uma. Desse modo, a dinâmica proposta levou às particularidades comuns das profissões escolhidas e nas quais se viam atuando, como cuidadora de idosos, advogada, artesã, babá, cozinheira e horticultora. Foi possível analisar que ao avaliarem as características das profissões almejadas, as participantes puderam perceber que já tinham desenvolvido muitas das habilidades requeridas.

No quarto encontro objetivou-se preparar o grupo para um contexto de entrevista de emprego, por meio da dinâmica de dramatização, técnica a qual corresponde a uma atuação de um contexto da vida real, em que cada indivíduo interpreta um papel, nos níveis simbólico, da fantasia e real (DO CARMO; MARINA et al, 2023). O nível simbólico abarca os sentimentos do indivíduo, suas sensações e expectativas; na fantasia está a atuação que dialoga com a realidade ali abordada e atravessada pela realidade na interpretação do papel (DO CARMO; MARINA et al, 2023).

Na atividade de dramatização, as coordenadoras interpretavam a entrevistadora e as participantes interpretavam o papel de quem passava pela avaliação na busca de emprego. As participantes escolheram o trabalho em que queriam ser entrevistadas: cuidadora de idosos, auxiliar de escritório e babá. No final de todas as dramatizações foi incentivada e reforçada a fala das habilidades que elas possuem já desenvolvidas. Depois foram pontuados tópicos importantes na entrevista de emprego como a pontualidade, o direcionamento da conversa (responder o que foi questionado), o autoconhecimento, de forma a possibilitar o reconhecimento de pontos a serem aprimorados e os já suficientes.

A técnica de dramatização foi discutida após a aplicação, e foram levantadas demandas das próprias participantes sobre os tópicos a serem melhorados no momento da entrevista. Duas participantes destacaram o fato de nunca terem participado desse processo, e talvez por isso sentiram-se inseguras, porém a técnica utilizada foi útil para esse preparo e conhecimento. Todas afirmaram ter gostado da dinâmica e que no início houve dificuldades; entretanto, durante a dramatização foi possível trabalhar em prol de amenizar os empecilhos encontrados.

No quinto encontro ocorreu a montagem de currículos e as coordenadoras auxiliaram as participantes a produzirem o seu próprio documento. Nesse processo, pode-se analisar que racionalizaram sua história de vida, suas habilidades já desenvolvidas, atividades que já haviam desempenhado. A montagem do currículo possibilitou a autopercepção de como cada participante já havia trabalhado em várias modalidades diferentes, a fim de se considerarem capazes e suficientes.

O último teve como objetivo a entrega dos currículos, a discussão e a avaliação dos resultados do processo de reorientação profissional. Cada participante pode falar sobre sua experiência no grupo e, de acordo com sua concepção, o que poderia melhorar. Ao final, foi solicitado que descrevessem pela última vez quem eram, o que as definia, como feito no primeiro encontro, e enfim avaliassem o resultado do processo grupal.

4. DISCUSSÃO

No decorrer dos encontros pode-se notar o desenvolvimento gradativo de cada participante em vários âmbitos de sua vida, desde o trabalho até o nível do autoconhecimento. Ainda que as participantes não se conhecessem, notou-se o rápido vínculo desenvolvido entre elas, proporcionado pelo encontro grupal. O contexto permitiu que ao longo das sessões, entendessem suas posições perante o grupo, não somente na função de falar, mas de poder ouvir umas às outras, e a partir disso, haver a possibilidade de identificação entre elas e suas histórias que tanto se assemelhavam em alguns pontos.

Segundo Matos (2012), dinâmicas em grupo com mulheres surgiram majoritariamente a partir do movimento feminista dos anos setenta, implementado em muitas casas de abrigo. A partir de então, foi possível perceber a importância e a necessidade do trabalho grupal. Desse modo, todas as participantes ali tinham a intenção de compartilharem suas vivências com o grupo, além de proporcionar o contato umas com as outras, visto que por conta da violência, muitas mulheres se encontram em situação de isolamento social (MATOS, 2012).

Notou-se que devido ao fato de as participantes já terem passado pelo atendimento na Delegacia da Mulher (DAM), elas repetiam sua história de violência e sempre retomavam o assunto causador de grande sofrimento. Por outro lado, a temática em comum pode aproximá-las e fortalecer seus vínculos a partir do contexto grupal, levá-las a partilhar suas experiências e identificarem-se umas com as outras (MATOS, 2012).

No primeiro encontro, com o espaço grupal utilizado para se conhecerem, notou-se que as participantes se apresentaram a partir de suas histórias de vida, suas relações

com os agressores e como essa história as levou até aquele momento. Relataram a situação de violência para falar de si e se descreverem.

Ao falar da violência para se descreverem, as participantes contam, em linhas quase apagadas, como essa realidade as atingiu em graus muito complexos. A violência afetou as participantes em sua autoestima, em sua autoimagem, na possibilidade de um futuro sem o agressor, visto que acreditavam não serem dignas ou capazes de serem amadas. No que se refere à questão do trabalho, duas participantes que estavam desempregadas, uma dependia financeiramente do atual parceiro e a outra de ajuda governamental.

Foi possível discutir autoconhecimento nas atividades que cada mulher fazia ou não, na dinâmica “Gosto e faço”, “Gosto mas não faço”, “Não gosto e faço” e “Não gosto e não faço”. Trabalhou-se a reflexão de cada quadrante da atividade, e ao final puderam perceber o que gostariam de realizar com maior ou menor frequência. Por meio da dinâmica notou-se a falta de consciência sobre o quanto de fato gostavam das atividades nas quais estavam engajadas, e o quanto faziam algumas coisas por imposição ou obrigação.

Como conclusão, trabalhou-se não só o autoconhecimento, mas também a noção de identidade das participantes, um movimento dialético de construção, desconstrução e reconstrução. Identidade é história, ou seja, é a partir das vivências e experiências que se constrói a identidade (VIGÁRIO, PEREIRA, 2014). Mulheres vítimas de violência costumam ter sua identidade invadida de forma avassaladora pela história de violência. Entretanto, é possível resgatar aspectos positivos sobre si e sobre como as participantes se auto percebiam a partir de dinâmicas que resgatassem suas habilidades e interesses acumulados ao longo da vida.

Na dinâmica de escrita no papel das habilidades requeridas pelas profissões de interesse das participantes, ao citar as características de cada profissão sem nomeá-las, poderiam se identificar com a atuação e os traços em si. Dessa maneira, houve o confronto entre profissões escolhidas com a realidade da atuação profissional de cada uma. Nesse momento, levantou-se a discussão sobre o desenvolvimento de habilidades e repertórios que as participantes ainda não possuíam, mas poderiam adquirir. Por fim, discutiu-se a atividade realizada no encontro anterior da busca por profissões, e as opiniões que tiveram a partir do confronto com a realidade de cada profissão.

Nota-se que a possibilidade de conseguir um trabalho é também atravessada pela violência, na qual acreditavam que não havia outra possibilidade que não fosse depender do agressor, ou lhes impuseram a crença de que ninguém as contrataria pois não conseguiriam desempenhar funções de trabalho. Desse modo, mulheres que faziam tudo para seus antigos maridos (e agressores), cozinhavam, passavam, cuidavam dos

filhos, arrumam a casa, costuravam, entre tantas outras funções e habilidades, acreditavam que não eram qualificadas o bastante para uma função remunerada, visto que eram destinadas à função de estarem sempre rendidas ao agressor.

As dificuldades enfrentadas na busca de um emprego completam os danos emocionais e psicológicos causados pela violência vivida, com acréscimo dos danos aleatórios adquiridos com a vida. Um exemplo de dificuldade na hora de conseguir um emprego foi a fibromialgia e a depressão. Saffioti (1999) já destacava o papel imposto à submissão da mulher diante do homem na sociedade, que é hierarquizada. Desse modo, ter sua identidade atrelada à existência de um homem e viver para ele são condições reforçadas e mantidas em um sistema patriarcal.

Por meio das dinâmicas foi possível captar habilidades já adquiridas pelas participantes; assim, tornou-se viável retomá-las após momentos de reflexão acerca da conscientização de seus méritos e conquistas. A partir de então, com a identificação de tudo o que já tinham, poderiam pensar em uma perspectiva de futuro que pudesse ser conquistado.

Durante a dramatização da entrevista de emprego as participantes se mostraram inseguras com o processo, e nas perguntas a elas direcionadas, focaram muito mais em dificuldades do que em suas habilidades pessoais. Destacaram na dramatização sobretudo os aspectos considerados negativos e com as discussões nos encontros, foi possível identificarem potencialidades individuais acumuladas, as quais poderiam ser aplicadas em prol de seu bem-estar.

Foi possível analisar a diferença de perspectivas de cada mulher sobre si entre o primeiro e o último encontro, visto que ao final do processo conseguiram ter maior autoconhecimento e autopercepção de suas habilidades já desenvolvidas. Além da melhora da autoestima, ao final as participantes conseguiam se descrever de forma mais positiva e identificarem suas habilidades, diferente do primeiro encontro.

Notou-se que a modalidade grupal proveu discussões que a individual não seria capaz de abarcar, pelo processo de aprendizado indireto, ou seja, assumindo-se que o aprendizado ocorre não só de maneira direta, visto que o contato com o comportamento experienciado pelo outro gera também aprendizado. As participantes também puderam avaliar a dinâmica grupal de funcionamento com as temáticas abordadas, e todas avaliaram que o grupo teve boa efetividade para suas vidas.

5. CONCLUSÃO

A partir deste trabalho, foi possível visualizar como o processo de reorientação profissional com mulheres que foram vítimas de violência doméstica pode ser mais uma proposta a contribuir no enfrentamento da violência. O agressor utiliza em suas formas de controle para a perpetuação da violência a privação do acesso da vítima ao mercado de trabalho, e como consequência, gera sua dependência financeira; portanto, mais um fator que a fará permanecer em um ciclo de relação abusiva (FONTOURA & ANJOS, 2016).

A dependência financeira também é fruto de uma série de abusos dentro de um relacionamento cuja função precípua é privar a vítima de contextos externos da relação com o agressor e dessa forma as mulheres agredidas vão, gradativamente, perdendo a capacidade de projetar um futuro promissor para reconstruírem suas próprias narrativas. A partir do trabalho em grupo foi possível que as participantes identificassem suas habilidades e potencialidades e assim iniciaram um ciclo de autoconfiança tão necessário e vital para a sua reinserção social no mercado de trabalho.

A proposta teve como desenvolvimento o fito de produzir um impacto capaz de provocar mudanças na forma como as participantes se viam e se posicionavam. Ao final das etapas da realização das diversas atividades presentes no trabalho em grupo, tais como a confecção de currículo, a dramatização de uma entrevista de emprego, a identificação das habilidades individuais e maior conhecimento acerca das profissões almeçadas foi possível perceber a ocorrência de autoconhecimento, reconstrução de identidade, confiança, autopercepção, entre outros tantos efeitos benéficos.

As participantes, que no início dos trabalhos estavam visivelmente fragilizadas e inseguras em decorrência da longa jornada de submissão aos atos violentos, com o transcorrer dos encontros, das trocas de informações e experiências, da interatividade, passaram a apresentar um comportamento mais confiante, de empoderamento, e começaram, enfim, a vislumbrar um futuro de independência. Afinal, o fortalecimento advindo da vivência em grupo, da oportunidade de crescimento pessoal, profissional e social propicia novas possibilidades de ver o mundo sob outra ótica, mais otimista, mais positiva.

O processo de reorientação profissional obteve resultados positivos em debater não apenas a perspectiva futura, mas ao realizar uma avaliação das atividades profissionais até então desenvolvidas pelas participantes. Embora essas mulheres sejam oriundas de realidades de extrema vulnerabilidade social, conseguiram pensar em traçar novas trajetórias, expectativas outras, para além da violência doméstica até então vivenciada.

Importante destacar que o processo de reorientação profissional se demonstra uma estratégia interessante, pois os atravessamentos da violência contra a mulher atingem também o âmbito laboral. Portanto, desenvolver com elas atividades direcionadas e orientadas pode auxiliar no fortalecimento para a retomada de vida e reinserção no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/95552/lei-maria-da-penha-lei-11340-06>. Acesso em 6 abr. 2023.

DO CARMO COLTURATO, Maria et al. PSICODRAMA E IMAGENS SIMBÓLICAS: AUTOPERCEPÇÃO E CRIATIVIDADE NO ENFRENTAMENTO DE CONFLITOS. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 31, 2023.

FIORIN, P. C., DE OLIVEIRA, C. T., & DIAS, A. C. G. (2014). Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. **Rev. bras. orientac. prof**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 25-35, jun. 2014. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 6 abr. 2023.

FONTOURA, F. N., & ANJOS, J. Patriarcalismo e machismo: história e enfrentamentos da Lei Maria da Penha. *In: X Encontro de Iniciação Científica, III Feira de Tecnologia e Inovação Mostra de Profissões. I Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar. Mineiros-GO, 2016.*

KRAWULSKI, E., SIQUEIRA, M. C., CAETANO, S. S., CASCAES, C. T., & SOARES, D. H. (2000). Re-orientação profissional, orientação e o processo de escolha: notas sobre experiências vividas. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, n.28, p. 81-99. DOI: <https://doi.org/10.5007/1913-2525x>.

LUCCHIARI, D. H. P. S. **Pensando e vivendo a orientação profissional**. 8. ed. São Paulo: Summus, 1993.

MACHADO, Ligia et al. O modelo de conseqüenciação de BF Skinner. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 5, n. 2, p. 137-158, 1989.

MATOS, Marlene et al. Intervenção em grupo com vítimas de violência doméstica: Uma revisão da sua eficácia. **Análise Psicológica**, v. 30, p. 79-91, 2012.

MOURA, C. B. **Orientação Profissional Sob o Enfoque da Análise do Comportamento**. Campinas: Alinea, 2004.

PINHEIRO, P. L.; MEDEIROS, J. G. (2004). Programa de orientação profissional: Uma análise comportamental. **Rev. bras. orientac. prof**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 103-105, jun. 2004. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902004000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 6 abr. 2023.

RABELO, D. P., DOS SANTOS, K. C., & DE ANDRADE, AOYAMA, E. (2019). Incidência da violência contra a mulher e a lei do feminicídio. **Rev. Brasileira Interdisciplinar de Saúde**. V. 1, n 4, 2019. Disponível em: <https://revistarebis.rebis.com.br/index.php/rebis/article/view/55>. Acesso em 6 abr. 2023.

SAFFIOTI, H. I. Violência de gênero no Brasil atual. **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, nº especial/2º sem./1994 - Colóquio Internacional Brasil, França e Quebec, 1994, p. 443-461. DOI: <https://doi.org/10.1590/%25x>.

SAFFIOTI, Heleieth IB. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. **São Paulo em perspectiva**, v. 13, p. 82-91, 1999.

SANTOS, A.P.dos. **Entre embaraços, performances e resistências: a construção da queixa de violência doméstica de mulheres em uma delegacia**. 2014. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2014.

SKINNER, B. F. (2000). **Ciência e comportamento humano (J.C.Todorov; R.Azzi Trad)**. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1953).

VIGÁRIO, Carolina Barbosa; PEREIRA, Fernando César Paulino. **Violência contra a mulher: análise da identidade de mulheres que sofrem violência doméstica**. 2014.

Data de submissão: 15/04/2023

Data de aprovação: 12/09/2023



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.